

A EVOLUÇÃO SOB O PONTO DE VISTA DO VERDADEIRO.

RUDOLF STEINER

Segunda Conferência

Berlim, 7 de novembro de 1911.

Durante as minhas últimas explicações vocês devem ter percebido como é extraordinariamente difícil a descrição daqueles estados evolutivos anteriores à formação da nossa Terra. Primeiro, devemos ir formando os conceitos e as idéias que nos permitam uma aproximação a esses estranhos e remotos estados de nossa evolução cósmica. Já salientei anteriormente que uma caracterização do antigo período saturnal, assim como das posteriores incorporações planetárias de nossa Terra como foi feita na *Ciência Oculta*, não apenas está longe de ser completa, mas, em um determinado sentido, tal descrição se limita a reproduzir apenas o verdadeiramente essencial. Descrevi mediante imagens provenientes do ambiente imediato e, inclusive, do habitual para evitar que a opinião pública – também destinatária do livro – se sentisse demasiadamente incomodada. Naturalmente, isso não invalida a descrição, mas, em certo sentido, ela não deixa de estar imersa em um tanto do "Maya" ou ilusão.

Primeiro, deve-se abrir uma passagem através da ilusão para se poder penetrar, cada vez mais, a verdade dos fatos. De uma maneira perfeitamente correta dentro de certos limites se fala do Antigo Saturno como de um corpo celeste que, no essencial, não estava composto pelos elementos conhecidos como terra, água ou ar, mas sim de calor. E quando se faz referência ao "espaço", isso não é senão uma imagem descritiva. Pois, como vimos na conferência passada, no Antigo Saturno não existia sequer o "tempo". Portanto, quando falamos de espaço trata-se, também, de uma imagem. O espaço em nosso sentido não existiu no Antigo Saturno e o tempo surge somente ali. Remontando-se ao Antigo Saturno, estamos realmente no âmbito da eternidade isenta de espaço. O que se diz, apesar de tudo para transmitir uma imagem, deve ser considerado como tal "imagem".

Se penetrássemos o espaço do Antigo Saturno não encontraríamos sequer uma substância tão sutil que pudesse ser qualificada como "gás", mas, tão somente, calor e frio. Na realidade, não se pode falar de um passar de uma parte do espaço à outra, mas sim, unicamente, de uma sensação produzida pelo transcurso de estados alternados mais quentes e mais frios. Assim, ao retroceder ao antigo período saturnal, também o clarividente recebe a impressão de estados calóricos flutuantes, sem espaço que, no entanto, não são nada mais que o véu exterior daquele estado planetário. Esse calor ou esse fogo – como diz o ocultismo – nos revelou suas profundidades espirituais mostrando que, o verdadeiramente existente em Saturno foram atos espirituais,

realizações espirituais. Formamos uma imagem dos fatos espirituais ocorridos no Antigo Saturno dissemos que os Espíritos da Vontade ou Tronos consumaram certos atos de sacrifício. Por isso, se olhamos para trás, para o concretamente ocorrido em Saturno, se nos manifesta os Querubins e o sacrifício que emana dos Tronos. São sacrifícios que fluem dos Tronos até os Querubins e, esses atos de sacrifício vistos à partir de fora, aparecem como calor. Qualquer estado calórico é a expressão física exterior, a manifestação sensorial exterior de sacrifício. Em todas as partes do mundo onde percebemos calor, esse é a exteriorização do que há por trás do mesmo. O calor é uma ilusão. Por trás dele estão os atos de sacrifício de certas entidades. Se queremos caracterizar realmente o calor, temos que dizer: O calor universal é a revelação do sacrifício universal ou dos atos universais de sacrifício.

Continuando, vimos que de certo modo, à partir desses atos de sacrifício consumado pelos Tronos frente aos Querubins, surge aquilo que denominamos de "tempo". Mas, recordemos que essa palavra moderna tampouco se ajusta totalmente à realidade. Naquela época, o tempo ainda não é o "antes ou depois", essa abstração que o ser humano percebe atualmente, mas sim, uma soma de entidades espirituais. São os Espíritos da Personalidade que conhecemos também como os Espíritos do Tempo. Os Espíritos do Tempo são o verdadeiro tempo antigo. Eles são os filhos dos Tronos com os Querubins. Mas as relações que ocasionaram o surgimento dos seres do tempo no Antigo Saturno, foram aqueles sacrifícios. Para chegar a uma real compreensão do que está por trás das palavras "o antigo Saturno consiste em calor", não é suficiente adquirir meros conceitos físicos exteriores – como calor que é um conceito físico – mas, são necessários outros conceitos que podemos extrair somente da própria vida anímica. Da vida anímica moral, plena de sabedoria. Não conhece verdadeiramente a natureza do calor quem não sabe fazer uma idéia do que quer dizer entrega abnegada do que se possui, do que se tem. Ainda mais, entrega abnegada não só do que se tem, mas também, do que se é. Sacrificar o próprio ser. Desprender-se do próprio ser anímico, consciente de que isso implica estar disposto a entregar o melhor de si para o bem do mundo. Não permanecer com o melhor de si para si mesmo. Mas, ter a boa vontade de ofertá-lo ao altar do Universo. Tudo isso, como um conceito vivente que faz a nossa alma se compenetrar de um sentimento, nos conduz, paulatinamente, à compreensão daquilo que há por trás da aparência de calor. Tenham presente o que encerra o conceito de sacrifício hoje na vida moderna. É praticamente inimaginável que alguém que realize um sacrifício com consciência o faça contra a sua própria vontade. Um sacrifício feito contra a vontade significa, necessariamente, estar forçado a isso por alguma causa. Deve existir alguma obrigação. Mas esse, não seria em absoluto o nosso caso. Aqui se trata de que, o sacrifício emana naturalmente do ser que se sacrifica. Quando alguém sacrifica algo, não por estar pressionado por alguma causa exterior, tampouco porque espera obter algo, mas sim, obedecendo um impulso que nasce à partir de dentro. Então, é inconcebível que sinta outra coisa que não seja o calor da bem-aventurança interior. Sentir dentro de si mesmo a bem-aventurança ardente é o que se pode expressar somente com essas palavras: o que realiza um sacrifício sente-se compenetrado de calor, do ardor da bem-aventurança. Assim, se nos oferece a possibilidade de nós mesmo percebermos o ardor do sacrifício que vive

dentro do calor universal exterior. Somente compreende, verdadeiramente, a natureza do calor quem pode conceber esse pensamento: sempre que se manifesta o calor no mundo, lhe subjaz algo anímico espiritual que está por trás do calor, gerando-o por meio da bem-aventurança do sacrifício. Quem aprende a perceber o calor dessa maneira, avança, paulatinamente, até a realidade oculta atrás do fenômeno calórico, atrás da ilusão calórica.

Se queremos passar agora da antiga existência saturnal para a antiga existência solar, temos que começar novamente por procurar um conceito que nos permita representar a substância do Antigo Sol, não do Sol atual. Também aqui, o texto da *Ciência Oculta* diz que: o Antigo Sol levou o calor a um nível superior acrescentando-lhe ar e luz. Não deixa de ser uma descrição à partir de um fenômeno exterior. Se quisermos compreender o ar e a luz que se unem ao calor no Antigo Sol, devemos buscar atrás deles algo moral, tal como atrás do calor buscamos o sacrifício dos Espíritos da Vontade. A única maneira de obtermos uma idéia, uma representação, uma sensação sobre a natureza do ar e da luz no Antigo Sol é nos atermos a algo que vivemos anímica e espiritualmente dentro de nós mesmos.

Nesse sentido existe uma experiência da alma que podemos descrever assim: suponhamos que alguém presencie um autêntico, um real ato de sacrifício, ou que esse alguém se represente a imagem que na conferência passada, ao evocar a antiga existência saturnal, descrevemos como um ato de sacrifício dos Tronos – os Tronos elevando seu sacrifício até os Querubins – e que se sinta emocionado pela visão do sacrifício bem aventurado que vivifica alma. O que sentiria nossa alma ao contemplar o próprio ser que realiza o sacrifício ou vendo aquela imagem à qual damos vida dentro de nós com fervor? Se tal ser humano possui sentimentos viventes e não se mantém mais ou menos insensível frente à bem-aventurança de sacrifício, necessariamente percebe um impulso profundo ante essa imagem. Ele sentiria o seguinte: contemplar a bem-aventurança de sacrifício é o ato mais belo, a experiência mais bela que pode nascer dentro da alma! Essa sensação implica também no seguinte: teria um "coração de pedra" alguém em cujo o interior não se originasse o impulso de contemplar com máxima veneração a bem-aventurança de sacrifício, em cuja alma não aprendesse à partir disso a atitude de entrega total. Entrega, abnegação! Um ato de sacrifício é entrega ativa, entrega que se converte em atividade. A contemplação da entrega ativa pode suscitar a disposição anímica de abandonar-se, de perder-se, de esquecer-se naquela visão. Suponhamos que essa disposição de perder-se sem nenhum egoísmo na contemplação tivesse sido vertida inteiramente na alma. Então, teríamos algo, indispensável para chegar à uma compreensão. Pois, sem essa atitude anímica, ou pelo menos, sem nenhum vislumbre ou ressonância dela, na verdade não alcançaríamos jamais o que é dado pelo conhecimento superior.

Quem não for capaz de sentir alguma vez essa abnegação, não pode chegar aos conhecimentos superiores. O que seria o oposto de tal atitude anímica? Seria o egocentrismo, o fazer valer o egocentrismo. Ambos, são como dois pólos da vida da alma: abandonar-se entregue ao que se contempla ou fazer valer egocentricamente o que há em si mesmo. São duas posições extremamente opostas. Para o real conhecimento, para chegar a compenetrar-se da sabedoria, o egocentrismo é fatal. Na vida

comum, o egocentrismo é considerado um preconceito e os preconceitos destróem sempre o conhecimento superior.

Certamente, a entrega a que nos referimos aqui, é uma entrega intensificada. Pois, sempre entregando-se com uma intensidade aumentada, o ser humano pode elevar-se aos mundos superiores; quer dizer, o homem tem que ser capaz de experimentar aquele perder-se a si mesmo, pelo menos como sensação anímica. Daí que, necessariamente, deve-se repetir sempre que jamais chegaremos a nenhum conhecimento superior se trabalharmos à maneira da ciência comum ou do pensar cotidiano. Que não nos reste nenhuma dúvida: a ciência comum e o pensar cotidiano trabalham à partir da vontade comum do ser humano, atuando por meio de tudo aquilo que foi criado pelo egocentrismo. Por meio das sensações, sentimentos e representações herdadas ou inculcadas pela educação. É fácil enganar-se quanto a isso. Esses enganos acontecem diariamente. Por exemplo; certas pessoas vêm com o seguinte argumento: me dizem para que aceite uma ciência como a ciência espiritual, mas eu não quero pensar nada que eu mesmo também não possa pensar, eu não quero aceitar nada que eu não tenha comprovado! Certo, não se deve aceitar nada sem tê-lo verificado. Mas, se tudo que se apresenta aproximamos unicamente nossa própria pessoa, não aceitamos nada senão o que já sabemos, tampouco avançaremos um só passo! E quem aspira ser clarividente, não dirá jamais que não aceita nada que antes não tenha comprovado por si mesmo. Além disso, deverá se liberar completamente de seu egoísmo e esperar tudo que vem até ele à partir do mundo, e para o qual, não cabe outra denominação que "graça". Ele espera tudo da "graça" que ilumina. Pois, como se adquire os conhecimentos clarividentes se não for tão somente eliminando tudo o que se aprendeu até então? Geralmente, o ser humano pensa: eu tenho meu próprio juízo. Mas ele teria que dizer: este não é nada mais que o pensamento dos meus antepassados reavivados por mim ou o resultado do estímulo aos meus instintos. De forma alguma trata-se de que as pessoas tenham juízos próprios e, as que mais exaltam seus "juízos próprios" ignoram que são manejadas como escravas por seus preconceitos.

Tudo isso deve desaparecer se queremos adquirir conhecimentos superiores. A alma deve estar vazia. Esperando com calma o que talvez venha até ela desde o mundo oculto, não manifesto, isento de espaço e tempo, de coisas e de fatos. Não acreditamos nunca que possamos nos apropriar à força do conhecimento clarividente! Ao contrário, dentro de nós deve amadurecer uma disposição anímica que nos faça aceitar o que nos é brindado como revelação ou como iluminação para que assim espere-mos tão somente da Graça o que nos é destinado. Ela vem ao nosso encontro e nos concede algo.

Como se revela semelhante conhecimento? Como se revela o que se nos aproxima quando estamos o suficientemente preparados? Revela-se como a sensação de que nos foi outorgada uma graça por meio da dádiva que chaga do mundo espiritual. A única expressão cabível para caracterizar o ser – ou o que quer que seja – que vem até nós pleno de graça para verter o conhecimento em nossa alma seria esta: é algo que confere graça, que doa, que dá. Concebemos a natureza de um ser cuja característica principal consiste em estar doando, dando, brindando. Cujas características primordiais é derramar graça ao seu redor, verter graça à partir de si mesmo. Concebamo-lo

em um sentido tal que, para obter a possibilidade de doar graça, necessite contemplar o sacrifício dos Tronos! Suponhamos que o ato de sacrifício dos Tronos frente aos Querubins fosse presenciado por um ser que se sentisse motivado por causa dessa visão a converter-se em alguém que doa. Alguém que pleno de graça, derrama suas dádivas ao redor.

Representemo-lo com toda exatidão! Suponhamos que estivéssemos contemplando embelezados uma rosa. Quero dizer; que sentíssemos uma bem-aventurança embriagadora pelo que chamamos "belo". Suponhamos que a visão do sacrifício dos Tronos motivasse outro ser a doar tudo o que possui, a vertê-lo no mundo. Então, haveríamos descrito aos espíritos que *A Ciência Oculta* menciona como os Espíritos da Sabedoria e que no Antigo Sol se somam às entidades já conhecidas em Saturno. Ao perguntar: Qual é a característica dos Espíritos da Sabedoria que fazem sua aparição no Antigo Sol, unindo-se aos espíritos saturnais? Teríamos que responder: a característica primordial desses espíritos é a virtude que doa, que dá a vida, que outorga a Graça. Para acrescentar um qualificativo, diríamos: eles são os Espíritos da Sabedoria, que são os grandes doadores, os grandes doadores do Universo! Tal como falamos dos Tronos como dos grandes sacrificadores, deveríamos dizer dos Espíritos da Sabedoria como os grandes doadores, que entregam sua dádiva, de maneira que, partindo deles, essa compenetra e vivifica o Universo. Aflui ao Universo ordenando-o. Esse é o ato realizado no Antigo Sol, o efeito dos Espíritos da Sabedoria no Antigo Sol. Eles doam seu próprio ser, entregando-o ao âmbito circundante.

O que veremos exteriormente, quando quisermos obter algo como uma percepção sensória superior do que acontece no Antigo Sol? *A Ciência Oculta* o descreve assim: além do calor, o Antigo Sol se compõe também de ar e luz. Mas isso, é como se alguém dissesse: à distância vejo uma nuvem cinza. Se esse alguém fosse pintor e pintasse essa impressão, pintaria uma nuvem cinza. Mas, ao aproximar-se mais, talvez se encontrasse com uma enxame de mosquitos em vez de uma nuvem cinza. O que havia tomado por uma nuvem cinza, na realidade é uma soma de seres vivos. Algo semelhante se sucede conosco ante a antiga existência solar. À distância, se apresenta como a ilusão de um corpo de ar e luz. Olhando-a de perto, no entanto, já não se resulta num corpo de ar e luz, e sim, na grande virtude doadora dos Espíritos da Sabedoria. Não chega a conhecer realmente o ar quem o descreve somente de acordo com suas características físicas que não são senão "Maya" ou ilusão, sua manifestação exterior. Por trás do ar que, sobretudo, existe no mundo, estão os atos dos Espíritos da Sabedoria que doam. Ar vivente e atuante é revelação da virtude doadora dos espíritos do macrocosmos. Apenas considera o ar corretamente quem se diz a si mesmo: eu percebo o ar, mas, na realidade, isso é o que os Espíritos da Sabedoria doam ao ambiente, irradiam para o ambiente.

Agora, sabemos do que estamos falando ao dizer que o Antigo Sol se compõe de ar, sabemos o que significa doar: as Espíritos da Sabedoria vertem o seu próprio ser e esse aparece, exteriormente como ar. Mas, o olhar do clarividente percebe um fato curioso que, a seguir, ocorre no Antigo Sol. Por isso, devemos elaborar, à partir de nossa vida anímica, uma idéia ainda mais precisa dessa virtude doadora. Representemos o sentimento que nós mesmos podemos ter se, à partir da atitude de entrega,

conseguirmos nos compenetrar de um conhecimento, de uma idéia. Tal idéia, que não é de caráter científico, nos transmite sempre uma sensação determinada. A melhor sensação para tal idéia se percebe à partir de uma perspectiva artística, onde a idéia de algum modo, tem o impulso de dominar, por exemplo, a cor e a forma. Então, ela se derrama no mundo de forma que entrega ao mundo uma existência independente. A natureza de semelhante capacidade doadora se caracteriza por estar vinculada à produtividade, ao criativo, pois esse doar é, em si mesmo, criativo. Possui um conceito correto de produtividade da virtude doadora que tem uma idéia, a qual sente ser de grande benefício para o mundo e, que a manifesta em certas obras de arte, etc. Essa produtividade da virtude doadora é o que, como o ar, está entretecido no Antigo Sol. Se nós pensarmos numa idéia criadora na cabeça de um artista, quando ela se incorpora à matéria, abstraindo-se de qualquer outra coisa, assim é o ser espiritual do ar. Encontramo-lo, sobretudo, onde há ar. Essa produtividade vivente que existia no Antigo Sol, fez com que se produzisse o seguinte fato:

Recordemos, que no Antigo Saturno já haviam "nascido" os Espíritos do Tempo, quer dizer que no Antigo Sol já havia "tempo", pois esse veio do Antigo Saturno. Assim, no Antigo Sol ocorre aquela possibilidade de doar, ainda inconcebível no Antigo Saturno. Pensem vocês o que seria o doar se não houvesse o tempo. Não poderia existir. Pois o doar consiste em dar e receber. Sem o último, o doar é inimaginável. Consequentemente, o doar se compõe necessariamente de dois atos: o dar e o de receber. De outra forma, carece de sentido. Mas, no Antigo Sol, o dar e o receber se interrelacionam de uma maneira extremamente estranha. Como já existe o tempo, a dádiva que se entrega ao ambiente no Antigo Sol é guardada no tempo. De alguma forma, conservada no tempo. De modo que, os Espíritos da Sabedoria derramam sua oferenda que permanece no tempo. Portanto, deve aparecer alguém que a receba. Mas, em relação aos Espíritos da Sabedoria, isso acontece em um momento posterior. Assim, os Espíritos da Sabedoria doam em um momento anterior, e o receber que necessariamente lhe corresponde, se realiza somente mais tarde.

Novamente, somente nossa própria vida anímica nos possibilita uma representação correta desse fato. Pensem no seguinte: vocês estão esforçando-se para compreender algo, ou para elaborar algum pensamento. Finalmente, o pensamento se forma! No dia seguinte, vocês acordam e limpam seus espíritos para que os pensamentos do dia anterior voltem a surgir. Portanto, vocês recolhem hoje o que foi formado ontem. Assim ocorre no Antigo Sol, quando o anteriormente doado é resguardado para um momento posterior quando será recebido. O que é então esse receber? Também é um ato, um acontecimento no Antigo Sol, que se diferencia do outro acontecimento somente porque ocorreu mais tarde. O dar corresponde aos Espíritos da Sabedoria. Mas, quem recebe? Para que alguém possa receber, primeiro deve existir esse alguém. Assim com o no Antigo Saturno, os Espíritos do Tempo nascem à partir do sacrifício dos Tronos frente aos Querubins. O ato de doar para o mundo consumado pelos Espíritos da Sabedoria no Antigo Sol, dá lugar ao nascimento daqueles espíritos que denominamos Arcanjos. Eles são os receptores no Antigo Sol. Mas sua maneira de receber é muito particular; eles não retêm para si mesmos a dádiva dos Espíritos da Sabedoria, mas a refletem, tal como o espelho reflete a imagem de vocês. É assim que

os Arcanjos no Antigo Sol têm a missão de receber em um momento posterior o que foi dado anteriormente e que segue existindo até um momento posterior, quando então é refletido pelos Arcanjos. Temos assim, no Antigo Sol, um dar anterior e um receber posterior. Mas, esse último, com o reflexo do que houve em um tempo precedente.

Imaginem vocês que a Terra não fosse como é agora e que existisse a possibilidade de se refletir nesse momento o que ocorreu num tempo anterior. Nós sabemos que algo similar realmente acontece. Vivemos no quinto período pós-atlântico, no qual, se refletem os acontecimentos do terceiro período, ou seja, do antigo tempo egípcio-caldeu. O que houve antes foi concebido e é refletido agora. É uma espécie de repetição do dar e receber do Antigo Sol quando os Espíritos da Sabedoria foram, em tempos solares mais distantes, os doadores e os arcanjos os receptores.

Assim, se origina algo muito especial, cuja única representação correta seria a imagem de uma esfera fechada interiormente e, de cujo o centro, irradia algo que é doado e chega até a periferia, de onde é refletido novamente até o centro. Na superfície interna da esfera se origina os Arcanjos que refletem. Por fora, não imaginem nada. Portanto, o que provém dos Espíritos da Sabedoria é irradiado à partir de um centro para todos os lados. É recebido e refletido de volta pelos Arcanjos. O que é essa dádiva dos Espíritos da Sabedoria que se reflete para o interior do espaço? O que é a sabedoria irradiada e devolvida em si mesmo? É a luz. Desse modo, os Arcanjos são, simultaneamente, os criadores da luz. A luz, tampouco, é o que nos mostra a ilusão exterior. Onde aparece luz trata-se das dádivas refletidas pelos Espíritos da Sabedoria. Os seres que, sobretudo, presumimos por trás da luz, são os Arcanjos. Assim podemos dizer: atrás do raio fluido de luz que nos toca estão os Arcanjos. Mas, eles tão somente podem fazer emanar a luz até nós porque refletem o que aflui até eles, que é a virtude doadora dos Espíritos da Sabedoria.

Assim, obtemos uma imagem do Antigo Sol. Nos representamos algo como uma imagem central onde se encontra reunido tudo o que veio do Antigo Saturno: os atos dos sacrifício dos Tronos frente aos Querubins e, absortos em sua contemplação, os Espíritos da Sabedoria. A visão dos sacrifícios os induz a emanar o que constitui o seu próprio ser, uma torrente de sabedoria fluida como virtude doadora. Mas, por estar compenetrado de tempo, o irradiado é devolvido novamente, e assim, temos um globo interiormente iluminado pela virtude refletida. O Antigo Sol não brilha para fora, e sim, para dentro. Com isso, criou-se algo novo que podemos descrever da seguinte maneira: os Espíritos da Sabedoria, sentados no centro do Antigo Sol, absortos na contemplação dos Tronos que ofertam seu sacrifício. Impulsionados por essa visão, irradiam o que é seu próprio ser que, refletido na superfície volta até eles como uma luz. Tudo esta compenetrado de luz. Mas, o que eles recebem de volta? Ao entregarem seu próprio ser, que havia sido seu interior, em oferta ao macrocosmos, recebem-no de volta, refletido. Eles vêem seu próprio ser interior distribuído pelo mundo inteiro e devolvido à partir de fora como luz. Um reflexo de seu próprio ser.

Temos agora duas polaridades, uma interior e outra exterior. O anterior e o posterior se transformam convertendo-se em interior e exterior. Nasce o "espaço"! Por meio da virtude doadora dos Espíritos da Sabedoria, nasce o "espaço" no Antigo

Sol. Antes, a palavra "espaço" não podia ter senão um significado imaginativo. Agora existe o "espaço". Inicialmente, apenas em duas dimensões. Ainda não há em cima e em baixo, à direita ou à esquerda, apenas duas dimensões; dentro e fora. Na verdade, essa polaridade já aparece no final do período do Antigo Saturno e se repete no Antigo Sol em seu verdadeiro significado de criadoras do "espaço".

Agora, se quisermos formar uma idéia de todos esses processos do modo que fizemos na conferência passada – com a imagem dos Tronos que se sacrificam em oferta aos Querubins e dão nascimento aos Arqueus, os Espíritos do Tempo –, não podemos pensar em um corpo formado de luz, pois essa luz não é para fora e sim para dentro. Representemos então, uma esfera com espaço interior em cujo centro, inicialmente, se repete o sacrifício dos Tronos. Esses seres, ajoelhados diante dos Querubins, ofertam seu próprio ser e, unidos a eles, os Espíritos da Sabedoria, absortos em contemplação desse sacrifício. Logo surge o ardor imanente do sacrifício que se transforma pela entrega dos Espíritos da Sabedoria, manifestando-se como um fumo que eleva desde o ato do sacrifício. A imagem se completa dessa maneira: os Tronos, ajoelhados frente aos Querubins e, unindo-se ao sacrifício, rodeando-o, os Espíritos da Sabedoria, entregues à contemplação, em uma atitude de entrega, chegam a formar a imagem do fumo de sacrifício que se expande para todas as partes. O fumo emana e se concentra, formando, à partir de suas nuvens, a figura dos Arcanjos. Desde a periferia, esses, refletem como luz, a dádiva do fumo do sacrifício iluminando o interior do Antigo Sol. Devolvendo o doado pelos Espíritos da Sabedoria e criando assim, a esfera do Antigo Sol. Doando, ela consiste em ardor e fumo de sacrifício. Na periferia exterior se encontram os Arcanjos, os criadores da luz.

O que guardam os Arcanjos? Eles guardam o interior, refletem as dádivas que recebem dos Espíritos da Sabedoria. Mas, o que foi no "tempo" o devolvem como "espaço". Refletindo como espaço, devolvem o que eles mesmos haviam recebido, por meio dos Arqueus, ou Príncipados. Daí que, são os Anjos do Princípio, porque fazem com que atue em tempos posteriores o que existiu antes. São Arcanjos, os mensageiros do Princípio!

É maravilhoso quando semelhante palavra volta a surgir à partir do verdadeiro conhecimento oculto. Nos faz refletir como nos foi chegando, à partir de tradições antiquíssimas, passando pela escola de Dionísio o Areopagita que foi discípulo de Paulo. É maravilhoso ver a composição dessa palavra que, ao desenvolvê-la de novo, independentemente do que está escrito, faz com que apareça o que houve antes. Isso deve gerar em nós a mais profunda veneração e nos sentimos unidos com antigas e sagradas escolas de sabedoria e ciência iniciática. É como se o antigo, quando o aprendemos com a compreensão, se vertesse em nossa alma depois que nós mesmo criamos a possibilidade de acolhê-lo, independentemente do antigo. Quem tenha, mesmo que um pouquinho de sensibilidade para aquilo que ressoa nas antigas expressões transmitidas pela tradição, sem levá-las em consideração por si mesmas, se sentirá imerso no atuar dos Espíritos do Tempo através do espírito humano. É uma maneira maravilhosa de sentir-se unido com toda a evolução humana, um sentir-se seguro frente a essas coisas.

Os Arcanjos guardam recordações do princípio. Mas o que existe em qualquer encarnação planetária se repete em um tempo posterior, só que o posterior sempre lhe acrescenta algo novo. É assim que voltamos a encontrar a essência do Sol no que aparece na nossa Terra.

Toda essa representação, toda a sensação anímica que fizemos nossa e que transmitem a imagem dos Tronos que se sacrificam, dos Querubins que recebem a oferenda, do ardor que emana do sacrifício, do fumo do sacrifício que se expande como o ar, da luz refletida pelos Arcanjos que guardam para os tempos posteriores o acolhido nas origens. Essa sensação, é capaz de gerar em nós a compreensão correta de tudo o que se encontra relacionado com as criações nascidas, precisamente, à partir de semelhante sensação da alma.

Assim concebemos de uma maneira mais espiritual e à partir de um âmbito que qualifiquei de anímico, o que em ocasiões anteriores obtivemos mediante uma imagem preponderantemente física. Veremos que, desse âmbito nasce a entidade que na Terra aparece como o Cristo. Somente compreenderemos o que essa entidade do Cristo trás à Terra se fizermos nosso conceito da virtude doadora, da virtude que gera graça ao retornar como reflexo na luz do Universo que compenetra e ilumina a substância interior do período solar. Quando elevamos o descrito anteriormente numa imagem que por sua vez se transforma em uma imaginação, pensando que, por meio daquele ser tudo isso foi trazido à Terra e vive nela. Chegaremos então, a perceber com uma profundidade ainda maior, a verdadeira essência espiritual do impulso crítico. Compreenderemos o vago pressentimento que, talvez, abriga a alma humana quando vislumbra ante alguma representação dessa índole que, de certo modo, pode ressuscitar na Terra o que acabamos de descrever.

Imaginemos que o que dissemos sobre o Antigo Sol fosse concentrado, comprimido e levado inteiramente na alma de um só ser para que volte a surgir em um momento posterior. Que reapareça na Terra e que atue trazendo o extrato do efeito de graça que resulta de todo o criado à partir do remotíssimo ato de sacrifício e do fumo do sacrifício. À partir do tempo criador de luz e da virtude doadora. Refletindo-o desde o universo da bem-aventurança de calor e do esplendor de luz. Imaginemos isso concentrado na alma de um só ser e ele entregando à vida terrestre. Reunindo ao seu redor àqueles que agora, como seres terrenos, serão chamados a refleti-lo, a resguardá-lo para o resto da existência da Terra. No meio, o que doa à partir do sacrifício e mediante o sacrifício. Ao seu redor os que poderão devolvê-lo. Unindo, por sua vez, a tudo isso o que é propriamente o sacrifício e o que está relacionado com ele, como que traduzido à condições terrestres. Por outro lado, a possibilidade de destruir esse sacrifício, de modo que o efeito de graça destinado ao ser humano possa ser tanto recusado como recebido. Representando-nos isso como uma intuição encarnada, chegaremos à sensação que pode nascer ante a *Última Ceia* de Leonardo da Vinci – compreendido sob ponto de vista anímico – o Sol inteiro com os seres que sacrificam, com o seres que doam virtude, com os seres da bem-aventurança de calor e do esplendor de luz, refletido pelos eleitos a guardar dos tempos anteriores para os tempos posteriores e preparado para a Terra, porque também pode ser recusado por meio do traidor.

Assim é possível perceber a essência da Terra, enquanto renasce nela a essência do Sol. Aproximando-nos a isso, não de modo exterior, intelectual, mas sim, com uma sensibilidade autenticamente artística, compreenderemos algo da verdadeira força motriz por trás de uma obra de arte tão grandiosa que reproduz, de alguma maneira, o extrato da existência terrestre. Na próxima conferência, quando veremos como cresce o Cristo desde o âmbito solar, compreenderemos ainda melhor o que eu já disse mais uma vez; se um espírito de Marte descesse à Terra talvez não entendesse nada dela diante de tantas coisas incompreensíveis que veria. Mas, se deixássemos atuar sobre ele a *Ultima Ceia* de Leonardo da Vinci, então ele compreenderia a verdadeira missão da Terra. O habitante de Marte perceberia como a existência solar deve ter sido misteriosamente inserida na existência terrestre. Assim, se lançaria luz sobre todas as explicações que recebesse sobre o significado da Terra. Compreenderia que a Terra significa algo e saberia do que se trata. Diria a si mesmo: possivelmente ocorre coisas na Terra que só importam à uma determinada parte de sua existência. Mas, pelo fato de que realmente pode ser representado esse ato, que resplandece até mim à partir das cores, quando o meu olhar abrange de uma só vez, a figura central e as que a rodeiam. Por isso, sinto o que perceberam os Espíritos da Sabedoria no Antigo Sol e o que aqui volta a ressoar nas palavras: " Fazei isso em minha memória"! Conservar o anterior no posterior. O sentido dessas palavras se faz compreender só à partir do contexto universal que acabamos de conhecer. Tão somente quis assinalar como algo da índole de uma obra artística de primeiríssimo nível, está relacionado com todo o vir a ser dos mundos.

Nossa tarefa para a próxima conferência será compreender a entidade do Cristo à partir da essência espiritual do Sol para passar depois, ao espiritual da Lua.